



Arquitetura e urbanismo: Compromisso histórico com a multidisciplinariedade

2

Pedro Henrique Máximo Pereira
(Organizador)



Arquitetura e urbanismo: Compromisso histórico com a multidisciplinariedade

2

Pedro Henrique Máximo Pereira
(Organizador)

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Arquitetura e urbanismo: compromisso histórico com a multidisciplinariedade 2

Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Amanda Costa da Kelly Veiga
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizador: Pedro Henrique Máximo Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A772 Arquitetura e urbanismo: compromisso histórico com a multidisciplinariedade 2 / Organizador Pedro Henrique Máximo Pereira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-529-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.294210410>

1. Arquitetura. I. Pereira, Pedro Henrique Máximo (Organizador). II. Título.

CDD 720

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

A arquitetura é espaço existencial. A cidade, um espaço existencial elevado à potência do social. São existenciais porque estão intrinsecamente relacionados, são intimamente ligados à vida individual e coletiva que neles se constituem. Portanto, são políticos, históricos e lócus de rebeldia criativa por excelência.

Esta compreensão é uma das chaves para o entendimento da necessidade da multidisciplinaridade. É também um dos mais potentes argumentos para viabilizarmos a garantia das fronteiras disciplinares já abertas e justificativa irrefutável para a abertura de novas fronteiras. É, portanto, o fundamento para uma abordagem complexa sobre realidades que são complexas. O espaço e a vida que nele ocorre carecem de abordagens diversas e variados modos de investigação, dada a clara compreensão da impossibilidade da apreensão total de objetos de estudo dessa natureza.

Este livro, o segundo volume de “Arquitetura e Urbanismo: compromisso histórico com a multidisciplinaridade”, publicado pela Atena Editora, dá um passo nessa direção. Ele é composto por 17 artigos, cujos temas variam do edifício ao território, passando pela paisagem, região e pelo urbano. Neles as abordagens também variam. Vão das escalas micro, compreendendo a rua, os espaços arquitetônicos de edifícios e interfaces entre o concreto e o virtual-digital à escala da cidade, da região e do território.

Deste conjunto é possível afirmar que o que atravessa todos os 17 artigos é a compreensão de tais temas, escalas e objetos de pesquisa como fontes inesgotáveis de abordagens disciplinares diversas. Por isso não encerram as discussões sobre os objetos analisados, mas deixam em aberto para discussões outras com interfaces dos saberes da arquitetura e urbanismo com a antropologia, a pedagogia, as engenharias, o planejamento urbano e regional, a geografia, a agronomia, a história, a economia, a ecologia, a psicologia, a filosofia, as ciências da computação e programação, a administração, entre tantas outras áreas que poderiam ser aqui citadas.

É possível ainda identificar movimentos interdisciplinares a partir deles. Há um notável trânsito de literaturas de disciplinas distintas utilizado como recurso para a leitura dos objetos neles analisados. Neste sentido, tais artigos indicam a necessidade de reconhecimento do valor e da contribuição de disciplinas próximas e distantes, mas não somente isso. Eles indicam a potência do reconhecimento das mais diversas disciplinas como partes de um campo amplo de investigações, nem sempre pacificado, jamais homogêneo, mas colaborativo e essencialmente crítico.

Assim, estimo boa leitura a leitoras e leitores!


Pedro Henrique Máximo Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

AS TIPOLOGIAS DE PAISAGENS QUE CONECTAM O PARQUE DA PAZ E O TECIDO URBANO DO CONCELHO DE ALMADA – ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA

Noêmia de Oliveira Figueiredo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2942104101>


CAPÍTULO 2..... 27

LIMES FRANCOLÍ, PAISAJES DE FRONTERA A RITMO SINCOPADO

Josep Maria Solé

Lluís Delclòs

Olivia Malafrente


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2942104102>

CAPÍTULO 3..... 43

CENTROS CULTURAIS E A CIDADE CONTEMPORÂNEA: O CENTRO CULTURAL SÃO PAULO E O SESC 24 DE MAIO COMO EQUIPAMENTOS DE SUPORTE À CULTURA

Júlia Martins Souza Pipolo de Mesquita

Celso Lomonte Minozzi


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2942104103>

CAPÍTULO 4..... 52

ARQUITETURA E ACESSIBILIDADE: FERRAMENTA DE INCLUSÃO EM ESCOLAS PÚBLICAS DE MARANGUAPE - CEARÁ

Zilsa Maria Pinto Santiago


Virna Maria Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2942104104>

CAPÍTULO 5..... 69

MAPEANDO LOS OJOS EN LA CALLE DE JANE JACOBS EL ALGORITMO GENERATIVO DE LA VIGILANCIA NATURAL PASIVA

Iñigo Galdeano Pérez


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2942104105>

CAPÍTULO 6..... 80

O USO CULTURAL DA MADEIRA NA ARQUITETURA: TÉCNICAS CONSTRUTIVAS TRADICIONAIS E AS MADEIRAS EMPREGADAS NAS CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS

William Jorge Pscheidt

João Carlos Ferreira de Melo Júnior







 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2942104106>





CAPÍTULO 7..... 97

O AMBIENTE DA INTERAÇÃO MUSEAL: DA FISCALIDADE AO TOUR 360°

Pablo Fabião Lisboa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2942104107>

CAPÍTULO 8	110
ASSENTAMENTOS INFORMAIS E LEGISLAÇÃO URBANA - INVISIBILIDADE OU NEGAÇÃO? O CASO DA VILA XURUPITA EM BARREIRAS, BA/BRASIL	
Rogério Lucas Gonçalves Passos	
Natália Aguiar Mol	
Lorena J. Coelho Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2942104108	
CAPÍTULO 9	126
CONDIÇÕES SÓCIO HISTÓRICAS DE EXCLUSÃO TERRITORIAL E DESIGUALDADE DE OPORTUNIDADES URBANAS EM CIDADES BRASILEIRAS	
Isabela Casalecchi Bertoni	
Lilian Masumie Nakashima	
Maysa Leal de Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2942104109	
CAPÍTULO 10	138
UM BREVE OLHAR SOBRE AS VULNERABILIDADES E A SUSTENTABILIDADE NA MUDANÇA DE PARADIGMAS DO URBANISMO CONTEMPORÂNEO	
Karliane Massari Fonseca	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041010	
CAPÍTULO 11	150
DESEMPENHO DA FILTRAÇÃO LENTA EMPREGADA NO TRATAMENTO DA CARGA DE DBO ORIUNDA DE ESGOTO DOMÉSTICO	
Ariston da Silva Melo Júnior	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041011	
CAPÍTULO 12	164
CENTRO E NOVA CENTRALIDADE DE LONDRINA SOB PERSPECTIVA MORFOLÓGICA	
Mayara Henriques Coimbra	
Gislaine Elizete Beloto	
Letícia da Mata Silva	
Ana Julia Ceole	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041012	
CAPÍTULO 13	181
PLANES REGIONALES: UNA EXPERIENCIA DE GESTIÓN Y REVITALIZACIÓN EN LA CIUDAD DE SÃO PAULO	
Denise Gonçalves Lima Malheiros	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041013	

CAPÍTULO 14.....	195
O TOMBAMENTO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE SÃO MIGUEL ARCANJO COMO ESTRATÉGIA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DAS MISSÕES JESUÍTICAS NO BRASIL	
Giorgio da Silva Grigio	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041014	
CAPÍTULO 15.....	210
OLHARES CRUZADOS SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL MODERNO- BRASÍLIA PATRIMÔNIO CULTURAL MUNDIAL: RELATÓRIO DE VISITA TÉCNICA INTERNACIONAL	
Yara Regina Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041015	
CAPÍTULO 16.....	229
ÁREAS METROPOLITANAS DE BELÉM E BRASÍLIA NOVOS RECORTES PARA ANÁLISE	
Ricardo Batista Bitencourt	
Ramon Fortunato Gomes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041016	
CAPÍTULO 17.....	255
UMA ABORDAGEM CONFIGURACIONAL PARA O ENSINO DE PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL	
Fernando dos Santos Calvetti	
Michele Staub de Brito	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.29421041017	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	268
ÍNDICE REMISSIVO.....	269

CAPÍTULO 2

LIMES FRANCOLÍ, PAISAJES DE FRONTERA A RITMO SINCOPADO

Data de aceite: 21/09/2021

Josep Maria Solé

Centre de Recerca Urbana del Camp (CRUC).
Unidad Predepartamental de Arquitectura.
Escuela Técnica Superior de Arquitectura.
Universitat Rovira i Virgili. Reus (Tarragona)

Lluís Delcòs

Centre de Recerca Urbana del Camp (CRUC).
Unidad Predepartamental de Arquitectura.
Escuela Técnica Superior de Arquitectura.
Universitat Rovira i Virgili. Reus (Tarragona)

Olivia Malafrente

Università degli Studi di Sassari, Palermo.
Dipartimento di Architettura, Design e
Urbanistica.

RESUMEN: Espèces de espaces -Especies de espacios-, titulaba una de sus obras más celebradas el prolífico escritor francés Georges Perec. Su incisiva mirada, a menudo obsesiva, le permitía esbozar una descripción analítica de elevado rigor y detalle sobre los distintos objetos que componían sus espacios de cotidianeidad. Partiendo de la singularidad de cada uno, el autor pronto desvelaba las primeras relaciones entre los elementos estudiados y establecía, con ello, una propuesta de estructuración de los fragmentos en un todo que forzaba un obligado diálogo entre escalas. Cama, habitación, vivienda, edificio, manzana, barrio, ciudad, territorio o planeta como secuencias sobre las que articular una dicotomía clásica: particularidad

o patrón. Partiendo de este hilo argumental y con la misma intención metodológica del estudio pormenorizado de las partes y del todo, este trabajo se plantea destripar un lugar común como es el río Francolí de Tarragona. De caudal netamente irregular y trazo indeciso, sus aguas riegan un rosario de situaciones territoriales complejas y usos contradictorios. Los frágiles humedales de la cabecera preceden el paso angosto cuya fuerza motriz alimenta malolientes papeleras, la arquitectura languidece en el llano interior hasta que la petroquímica humeante impera y divide en su tramo central. Finalmente, la ciudad, en su anhelado encuentro con el mar, canaliza y retuerce su curso asestándole una última estocada. Lugar de pocos puentes donde los grandes déficits históricos y riesgos patentes conviven -o malviven- con el enorme potencial de su transformación. Fijar la mirada, describir y articular para descubrir, medir y ponderar un territorio de oportunidades.

PALABRAS CLAVE: Espacio de Frontera, Río Francolí, vulnerabilidad social, riesgo antrópico, territorio fragmentado

ABSTRACT: Espèces de espaces -Species of spaces- was the title of one of his most celebrated works by the prolific French writer Georges Perec. His incisive gaze, often obsessive, allowed him to sketch an analytical description of high rigor and detail about the different objects that made up his everyday spaces. Starting from the uniqueness of each one, the author soon revealed the first relationships between the studied elements and established a proposal for structuring the fragments into a whole that forced

an obligatory dialogue through different scales. The bed, room, dwelling, building, block, neighborhood, city, territory, or planet appeared as sequences on which to articulate a classic dichotomy: particularity or pattern. Sharing this methodological approach structured around the simultaneous detailed study of the parts and of the whole, this work proposes to gut a commonplace such as the Francolí river in Tarragona. With a clearly irregular flow and indecisive outline, its waters irrigate a string of complex territorial situations and contradictory uses. The fragile wetlands of the headwaters precede the narrow passage whose driving force feeds foul-smelling paper mills, the architecture languishes in the interior plain until the smoking petrochemicals prevails in its central section and divides it. Finally, the city, in its longed-for encounter with the sea, channels and twists the course of the Francolí river, striking it one last thrust. A place with few bridges where large historical deficits and obvious risks coexist -or poorly survive- with the enormous potential of its transformation. Fix the gaze, describe and articulate to discover, measure, and ponder a territory of opportunities.

KEYWORDS: Border land Francolí River, social vulnerability, anthropic risk, fragmented territory

11 DECLARACIÓN DE INTENCIONES

Esta investigación pretende presentar el río Francolí como cuerpo de estudio. Su escaso recorrido, con un renqueante y torturado curso, sirve de principal hilo argumental para, a través de la suma de sus partes, reconocer una imprecisa y evocadora amalgama de valores, potenciales, retos y contradicciones que, como si de una colección de objetos e intereses inconexos se tratara, se articulan a lo largo de su trazado.

El repertorio de situaciones urbanas y territoriales que lo acompaña es rico y variado. Así pues, se pretende explorar sus lugares propios y ritmos de transformación, replantear la disposición de las piezas que lo componen y permiten o niegan su paso, cuestionar sus espacios intermedios, medir sus intersticios, comprender la vocación y uso cotidiano de sus límites, identificar los espacios de abandono, los territorios residuales y, sobre todo, descubrir los lugares de oportunidad. Esta colección de miradas queridamente variadas ensaya métodos diversos que aspiran a convertirse en el principal argumento de esta investigación: alcanzar la toma de consciencia del todo para la revalorización paisajística, ecológica, perceptiva y productiva de un río cuya reciente fragilidad no es sino un reflejo de la progresiva pérdida de peso estratégico territorial experimentada en las últimas décadas.

A continuación, se presenta el estado de la cuestión de una investigación incipiente. Una primera mirada que debería permitir dar orden y estructura a lo que se ha hecho, lo que se está haciendo y, sobre todo, apuntar a lo que está por hacer. El resultado abre temáticas más que condensarlas, insinúa posibles caminos más que acotarlos y se ubica en el campo de la especulación objetiva, la promesa latente, la hipótesis variable, la heterogeneidad temática y la variedad metodológica con el objetivo final de obtener una mirada compleja, poliédrica e inclusiva sobre el río en su conjunto.



Figura 1. Estratos superpuestos (Solé, 2019)

2 | MÉTODOS PARCIALES

Con la voluntad de recoser el mapa de fragmentos, enlazar los ámbitos de transición, desvelar los vectores de transformación evolutiva, recomponer las miradas parciales y revelar los hilos de una memoria menguante, este estudio se quiere servir de varios métodos de carácter analítico. Algunos de ellos, con un enfoque deliberadamente parcial, a modo de prueba. Ensayo y error como paso esencial a la aplicación de una metodología completa y sistemática de análisis territorial a partir de la secuencia de preguntas, miradas y propuestas para una cuenca fluvial cuya complejidad no permite simplificación alguna. Uno a uno, estos serían:

La cartografía, como herramienta de contextualización, medida y estructura. Ya sea a partir de la recopilación y análisis de los mapas históricos o de la elaboración de cartografías de carácter propio, éstas pueden ser de ámbito generalista o cuestionar lugares precisos cuya particularidad obliga a una exploración detallada en busca de la especificidad vs el patrón. En este sentido, un ejercicio de constante diálogo entre el fragmento y el todo se convierte en una de las principales claves de lectura de este territorio y de la construcción de su imaginario.

Con ello, sus lógicas de transformación reciente y la progresiva fragmentación derivada de unos usos a menudo incompatibles entre ellos han dibujado un nuevo panorama en el que impera el segmento, la mancha y el límite sobre la frágil unidad biofísica de su cuenca. En este sentido, si bien algunas de las realidades territoriales inventariadas se apoyan sobre las estructuras geográficas subyacentes, otras, en cambio, han introducido

nuevas variables que, en la mayoría de los casos, se han traducido en espacios de aparente contradicción, disfunción o duda permanente. Con ello, si bien es cierto que algunos estudios o documentos normativos recientes han apuntado una cierta cohesión de los valores paisajísticos de algunos de estos ámbitos fluviales -véase el *Catàleg del Paisatge del Camp de Tarragona* (2012) o *La vida al riu Francolí. Els humans i els sistemes aquàtics de la misma URV* (2014)-, la voluntad de la selección cartográfica aquí presentada ha sido precisamente cuestionar estas unidades de paisaje y enfatizar, a la vez, ellos distintos grados de impacto antrópico como definidor del ámbito estudiado.

La fotografía -y otras variantes de carácter audiovisual como el video o el fotomontaje- retienen parte del imaginario y condensan relato y memoria de un lugar. En este sentido, la imagen se ha erigido, en esta parte inicial del estudio sobre el río Francolí, como medio destacado tanto por su condición retentiva de instantes fundamentales que estructuran la percepción como por su capacidad de establecer un marco de referencia visual, un contexto, sobre el que identificar elementos significativos, desvelar jerarquías y sistemas de interrelaciones e insinuar estructuras de complementariedades, superposiciones o, por el contrario, reiteraciones y contradicciones. Entendemos, en este sentido, que su capacidad sintética permite reconstruir la imagen de un lugar perdido y, a partir del reconocimiento de sus límites, recomponer su rostro completo.

La imagen 2 muestra una relación íntima, de uso cotidiano y escala cercana entre los espacios urbanos y fluviales. En este caso, en el paso de la Riba.



Figura 2. Paso de la Riba (Fuente: colección de postales J. Sardà, 2019)

La entrevista, por último, evoca y focaliza. Una a una y a modo de conversación estructurada entorno a un lugar conocido, las vivencias pasadas, las experiencias de la cotidianeidad presente o, incluso, los anhelos de un futuro incierto revelan vínculos emocionales entre el residente del territorio Francolí y el entorno fluvial sobre el que habita. Aportan, en términos metodológicos, el vector cualitativo y los datos referenciales de unas biografías ligadas a la suerte del río. De este modo, tras 22 entrevistas a residentes del Serrallo -el barrio más cercano a la desembocadura-, han aflorado diferentes verbos como pescar, jugar, convivir, o cuidar que remiten a un pasado de relación íntima con el Francolí y sus bordes. Otras conversaciones mantenidas con los usuarios del reciente Parque fluvial o residentes de los llamados barrios de Ponent -situados al lado opuesto de la ciudad de Tarragona- han revelado, por su parte, sustantivos como fragmentación, lejanía o abandono evidenciando, pese a la cercanía física de estos tejidos con el río, un elevado déficit de conectividad.

En cualquier caso, esta primera ronda de encuentro con estos actores ha confirmado la necesidad de incorporar una componente metodológica que sistematice la toma de datos perceptivos y pondere las opiniones sobre este espacio de intereses encontrados. Por ello, actualmente se están diseñando una serie de entrevistas grupales y encuestas individualizadas que posibiliten la normalización de las respuestas y la ampliación de la muestra al resto de ámbitos fluviales. Las temáticas, de nuevo, incidirán sobre conceptos como la memoria, el riesgo y conflicto, los usos de los espacios, sus relaciones y, por último, el potencial de reapropiación del espacio-río.

2.1 Matices de enfoque

En paralelo a la entrada multimétodo a partir del uso de diversas técnicas analíticas yuxtapuestas, se plantea una segunda derivada temporal y un refinamiento geográfico. En este sentido, si los métodos pueden servir para ponderar y comparar, la aproximación temática y geográfica nos debería permitir filtrar y seleccionar ámbitos paisajísticamente coherentes cuyas características formales y problemáticas o usos sean compartidas posibilitando, de este modo, la correlación entre variables de estudio.

De este modo, en términos geográficos, los ámbitos resultantes identificados serían, en el sentido descendente del curso fluvial: el nacimiento, el paso angosto de la Riba, el llano de matriz agrícola, el recinto de la Petroquímica, la huerta, el parque urbano entre ciudad e industria y, por último, la torturada operación de desembocadura insertada en el complejo portuario. A título temporal, en cambio, las cuestiones planteadas han pivotado entre la construcción colectiva del recuerdo, la identificación de las vicisitudes presentes y, a modo conclusivo, la proyección de un escenario de futuro.

3 | APRENDIENDO DEL PASADO

El olvido que seremos, titulaba, de manera evocadora, una de sus fantásticas novelas Héctor Abad Faciolince. En ella, reflexionaba sobre los espacios de una memoria que se debatía entre la serenidad del recuerdo de una infancia feliz y cultivada y la ansiedad de convivir con el miedo aterrador provocado por la amenaza constante de vivir en la turbulenta Medellín narcotraficada. El río Francolí, en cierto modo, tiene algo de ello y los habitantes de la parte alta de su cuenca conviven al ritmo pausado de una agricultura renqueante, de viejos tractores y caminos polvorientos que antaño fueron símbolo y seña de la totalidad del lecho fluvial. La llegada de la gran industria petroquímica, no obstante, supuso nuevas gentes y barrios, otros ritmos de movilidad y la profusión de nuevas infraestructuras que significó una fractura funcional y territorial que permanece plenamente vigente.

Tal cambio inauguró una época de convivencia obligada con un riesgo cuya cotidianeidad no ha hecho sino normalizarlo convirtiendo a aquellos que habitamos en el entorno Francolí en seres de aparente amnesia. Los hechos evidencian el diagnóstico de una amenaza que acecha y 1994 se impone como fecha de referencia traumática. Es un número que pesa por encima del resto en la memoria de muchos. Fue el año en que, en cuestión de horas, aquel río que apenas es capaz de garantizar su caudal en las épocas estivales desbordó e inundó por doquier recordando, mediante el drama de numerosos daños materiales, la fuerza dominante del territorio y el trazo de un curso natural inocentemente encauzado. Las imágenes retransmitidas en vivo de los puentes caídos y los bordes borrados por una gran mancha de agua turbia y embravecida que no cesaba de crecer hasta niveles nunca registrados con anterioridad, aumentaban su dramatismo mediático con los efectos de aquella colección de árboles arrancados y coches arrastrados. No obstante, si bien la contundencia de unos efectos dramáticos pudiera predecir un cambio radical en el enfoque de la relación territorial con el río, nada más alejado de la realidad.

De hecho, las retinas de los habitantes, demasiado acostumbradas a la exposición continuada al riesgo antrópico, vieron como las transformaciones urbanas del territorio mantenían las pautas de segregación y explotación de este entorno frágil con una suerte de amnesia autoimpuesta. Pongamos, a modo de ejemplo de dicha actitud de querida amnesia, el planeamiento de la ciudad de Tarragona. Su POUM (Plan de Ordenación Urbanística Municipal) vigente contempla los suelos de la llamada Horta Gran -un terreno llano, de gran fertilidad atrapado entre polígonos de viviendas, industrias químicas y nudos infraestructurales- como ámbito urbanizable. Dicha vocación urbanística impuesta sobre un espacio de elevada sensibilidad, si bien puede responder a un argumento de continuidad urbana, conlleva simultáneamente un riesgo potencial de repetición, o incluso aumento, del desastre natural todavía reciente de las inundaciones del 94. No en vano, la zona es declarada por la ACA (Agencia Catalana del Agua), por su estructura morfológica y su geología, como zona inundable en los periodos de retorno de 50, 100 y, por supuesto, 500

años. Dicha contradicción aparente se ve reforzada, además, por su localización en el ámbito más bajo del curso del río, en el embudo final que forman el barrio pesquero del Serrallo cercano al puerto y el Polígono Industrial Francolí, prácticamente en su desembocadura. Esta configuración, agravada por el repentino giro impuesto al río antes de su llegada final al mar con la intención evitar la descarga masiva y continuada de sedimentos sobre el ámbito portuario, fue uno de los factores detonantes de los efectos causados por las inundaciones de 1994 (véase Imagen 3).

La solución adoptada, en aquel entonces, pasó por construir muros y taludes perimetrales, a modo de caja, que dieron una solución temporal a la problemática del riesgo si bien, como derivada colateral, enfatizaron la segregación funcional y reforzaron el déficit de conectividad del río y sus contornos urbanos. En otras palabras, proteger a costa de aislar. Una estrategia de urgencia que cuestiona el concepto de la continuidad y simplifica la ecuación de los encuentros en aras a una mitigación universal del riesgo que contrasta con la apuesta por urbanizar ámbitos como la Horta Gran y hacen aflorar preguntas como ¿son el muro y el nuevo desarrollo urbano planteado soluciones amnésicas e inconscientes o, por el contrario, fórmulas que pueden ayudar a compatibilizar riesgo y sutura territorial? Está por ver. Cabrá, a partir de aquí, fijar la atención en el posible replanteo de modelos alternativos que, desde el rigor, dibujen escenarios de compatibilidad que luchen contra el olvido latente.



Figura 3. Instantáneas de un desastre. (Extraídas de *La riuada de 1994* (Lahoz, 2014))

4 | HOY POR HOY

Estirando el hilo argumental que cuestiona la correlación entre la condición física del espacio Francolí y la carga perceptiva que la acompaña, el estudio detallado del momento actual quiere centrar su atención en generar una taxonomía detallada de los elementos que propician, generan o facilitan la fragmentación territorial sobre la que se apoya argumentalmente la imagen de segregación reiterada. En este sentido, se pretende listar, describir y reparar en la identificación y caracterización de los conflictos, las contradicciones, los muros que lo separan y protegen, los escasos accesos y rampas, los pocos pero grandes puentes que lo cruzan, los omnipresentes recintos que lo bordean y separan, la frágil red de caminos que aparecen y desaparecen, los lugares de cultivo, los puntos altos dominantes y las áreas recurrentemente inundadas, los paisajes sonoros y de olores, las especies que lo habitan. Se trata, en definitiva, de establecer una radiografía detallada del río y su entorno de influencia a partir de la sospecha de un plano, la fotografía de un lugar, la determinación de sus límites y condicionantes y el cuestionamiento de sus percepciones como principales herramientas para reconocer las relaciones entre las partes a la vez que revelar espacios de oportunidad sobre ámbitos de contradicción o estructuras subyacentes, a la espera de revertir las fuerzas impuestas sobre la frágil y olvidada condición fluvial de su matriz biofísica.

Con la voluntad de entender las transformaciones, sus ritmos y, sobre todo, sus efectos, este estudio, hasta el momento, ha tratado de poner en diálogo las dinámicas de lo que fue, con lo que es y puede ser el río. Mirar atrás para determinar las condiciones subyacentes que se han mantenido, los vectores que se han impuesto y el reequilibrio constante entre las dinámicas de la industrialización, el desarrollo urbano, la explotación agrícola o el mito del bosque virgen. En este sentido, en aras de posicionar en relación con el vector temporal algunos de los episodios de transformación más relevantes para este territorio. Para ello, se ha elaborado la matriz (véase Imagen 4) que muestra la evolución territorial a partir de 6 episodios, siendo, por orden cronológico, 1946, 1956, 1983, 1996, 2006 y 2016. Estas fechas corresponden los vuelos disponibles en el repositorio cartográfico del Institut Cartogràfic de Catalunya para este ámbito territorial. Como resultado, se observa, en su estadio inicial -en 1946- un claro predominio del uso agrícola con alguna presencia urbana puntuando y reforzando los bordes del río. A medida que avanzan las décadas, la aparición progresiva de nuevas líneas horizontales (infraestructuras) y grandes manchas (polígonos industriales y residenciales) salpican el ámbito fluvial aportando, para el estadio más reciente -2016- la imagen de un río de curso fragmentado y ritmo sincopado, una colección de nuevas fronteras y límites que cortan pasos y caminos, dividen lados, dibujan recintos y separan fragmentos potenciando el repertorio de nuevas situaciones de letargo permanente.

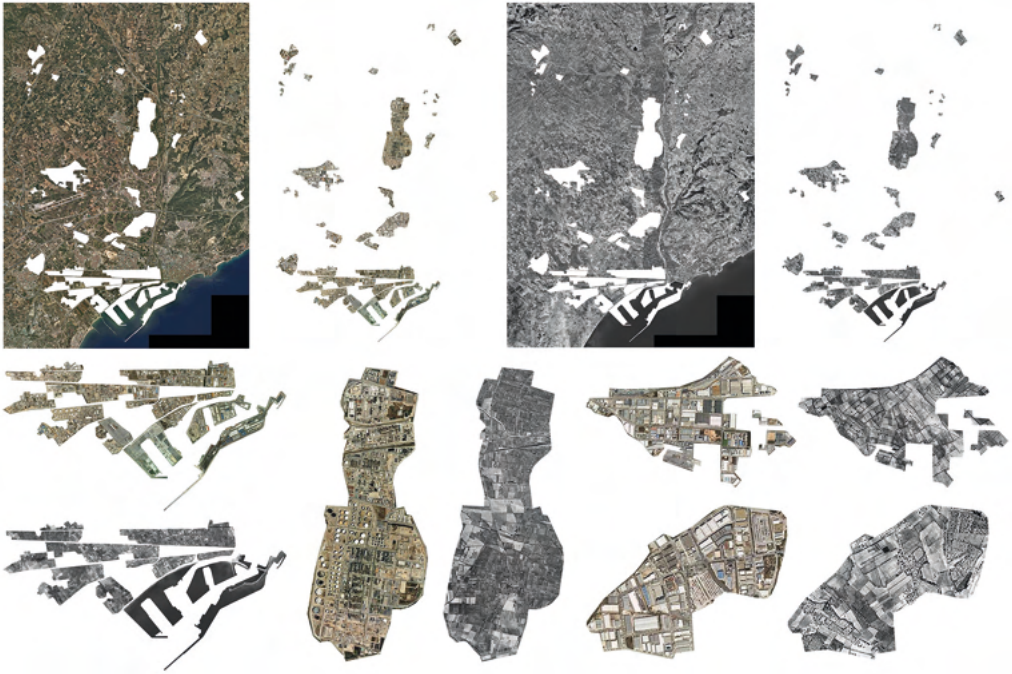


Figura 5. Tiempo y recintos (Malafronte con CRUC, 2019)

Dando cuenta de la voluntad de construir un inventario de los límites que permita cuantificar y clasificar el porqué de ciertas percepciones, este estudio incorpora el dibujo y fotografiado de los distintos elementos y dispositivos construidos en favor de la accesibilidad o, por el contrario, de la protección. En otras palabras, este estudio listará puentes, caminos, muros, taludes y terraplenes, desmontes, miradores, orillas, vallas, molinos o masos, ruinas, polígonos o explanadas residuales que acompañan el río y definen sus líneas o ámbitos de frontera. Des su conocimiento preciso dependerá la capacidad de propuestas alternativas.

En este sentido, la imagen 6 recoge la descripción gráfica, a modo de testigo, de algunos elementos tales como infraestructuras, límites o pasos. Su registro, filtrado y estructurado, permite responder de manera clarificadora a la doble hipótesis planteada inicialmente:

- la mera comprensión del lugar descubre un orden de oportunidades subyacente.
- la consideración residual del río y su traducción a una percepción de lugar sin significativo propio.



Figura 6. Registro de pasos. (Solé, 2019)

Las imágenes 7 y 8, por su parte, plantean el primer paso de identificación de ámbitos de conflicto y oportunidad cartografiando, con ello, un repositorio de espacios territorialmente estratégicos en la recuperación del ámbito Francolí como lugar de referencia.



Figura 7. Cartografiado de potencialidades, aprovechamiento y transformación. (PFC, Delclòs-Allió, 2016)

1. Masos de Centelles. Espai d'ús mixt històric i arqueològic visible. Data d'època romana en els seus inicis i s'hi troben adreçats importants d'èpoques més recents. En bon estat.



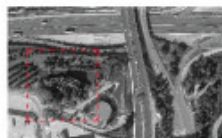
1

2. Molinet de Mas Mascaró. Restes en ruïna.



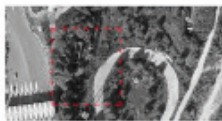
2

3. Mas de Mascaró. Ruïnes arqueològiques.



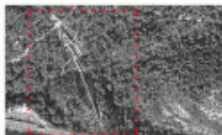
3

4. Mas de la Xeca o d'Adriens. Restes d'època per a possible pertinença al Mas de Mascaró.



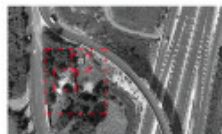
4

5. Pont del Diabre. Monument arqueològic d'època visible.



5

6. Boca de la Mina. Protectora i Molí de l'Horta. La mina està en funcionament i és deïca per a l'Horta. El molí està en ruïnes / oblidat.



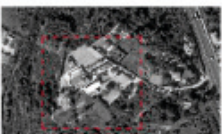
6

7. Ruïnes. Vilatge dels Mengers. Ruïnes arqueològiques en mal estat.



7

8. Masia restaurant Les Fonts de Can Sala. Le servei està "més o menys properat de la família (els seus membres de sang, en 2018 se'n va el propietari de canvi residencial, aquell mateix de però sense cultura involucrada, que ha desenvolupat de servei casolà col·labora en aquesta masia".



8

9. Mas de Marsell. Mas en funcionament.



9

10. Mas del Ros. Mas en funcionament, al cor de l'Horta i amb molí de cor.



10

11. Hípica. Ús compatible per la zona singularitat al l'entorn. Es tracta de donar prioritat als usos agrícoles, però justificat altres usos al mig de l'Horta poden desenvolupar-se.



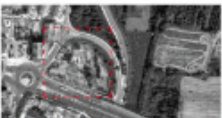
11

12. Mas de Playxet i Mas de Ribot. Masos en funcionament.



12

13. Mas de Cameró. Mas en funcionament.



13

14. Mas de la Tomelista. Està el origen del Barri del mateix nom. Per la seva condició urbana fins actual (estat municipal de serveis socials públics) sembla adequat.



14

15. Riscal. Barri a tocar del forest. Hordem, caldrà considerar-lo en espais compatibles de la zona / millorar les condicions d'alguns dels seus habitatges.



15

16. Isonar. Barri a tocar de la carretera, caldrà considerar-lo en espais compatibles de la zona / millorar les condicions d'alguns dels seus habitatges.



16

17. Polígon Industrial Francoll. Principal opció d'aprofitament i transformació. Procurar aconseguir un bon ús que mantingui part del caràcter industrial de la zona i doni condicions residencial i de servei entre al centre i els barris de ponent.



17

18. La Tabacalera. Està de grans dimensions que interessa molt a la ciutat recuperar per a usos públics.



18

Figura 8. Catalogación de potencialidades, aprovechamiento y transformación. (PFC, Delclòs-Alió, 2016)

5 | EL DIBUJO DE UN ROSTRO COMPLETO PARA LA CONSTRUCCIÓN DE UN MAÑANA

Si bien se estima que los primeros pobladores del territorio Francolí se asentaron en su cuenca hace más de 100.000 años, este río sigue siendo de los menos estudiados de Europa. De hecho, ni siquiera se conoce el origen del nombre y todavía hoy sigue abierta la discusión sobre si su toponimia deriva del latín, de la lengua franca, árabe o germánica. Uno de los argumentos que podrían explicar dicha anomalía podría ser la ausencia continuada de estudios universitarios en la región. En este sentido, la presencia relativamente reciente de la Universidad Rovira i Virgili ha empezado a dar sus primeros frutos en términos de la elaboración de distintos análisis -puntuales y continuados- de las calidades del aire, el agua o el estado de madurez de la biodiversidad. En esta misma línea argumental, dicho trabajo de investigación pretende colaborar a través del dibujo completo del territorio Francolí, de la elaboración de la serie de cartografías que identifiquen el rostro de este ámbito de estudio tan particular que, en palabras de los mismos encuestados, resulta ser “un río de todos y de nadie”.

De este modo, se descubre una cuenca en forma de pera que incluye 6 comarcas y tiene una superficie de 853 km² y un perímetro de 225 kilómetros. Su punto más alto es el Tossal de la Baltasana, un promontorio de 1.202 metros sobre el nivel del mar que pertenece a la sierra de Prades. Su curso, des de su origen en la Font Major de la Espluga de Francolí, tiene un recorrido de 54 km de longitud hasta el mar recogiendo numerosos afluentes y atravesando hasta 40 puentes y 12 municipios. Un ámbito de oportunidades, donde la secuencia de situaciones y capítulos se combina y yuxtapone mediante estructuras de elevada complejidad. Desgranarlas primero para recomponerlas después ha resultado ser un primer paso revelador en la descubierta de nuevos retos, oportunidades y valores sobre los cuales recomponer las progresivas miradas a un río cuya vocación debería sentirse apelada a pasar de frontera a corredor mediante un obligado giro de coordenadas que, de la imperante horizontalidad de las infraestructuras dominantes –paralelas al mar- dé paso a un territorio que reconozca el potencial de sus directrices verticales -sus aguas- como elementos de refundación ecológica y reequilibrio sistémico.

AGRADECIMIENTOS

La investigación de esta ponencia se ha financiado mediante el Ministerio Español de Ciencia, Innovación y Universidades a través de su proyecto de investigación CHORA (CSO2017-82411-P) y AEI/FEDER, UE y por el Departamento de Investigación y Universidades del Gobierno Catalán por medio del grupo 2017SGR22.



Figura 9. Miradas sobre la cuenca del Francolí. Curso-urbanización y relieve. (Elaboración propia, 2019)

REFERÈNCIAS

Aguilar, F. 2008. El Francolí. Barcelona : Viena.

AA.VV 2012 Catàleg de Paisatge. El Camp de Tarragona. Barcelona: Generalitat de Catalunya, Departament de Territori i Sostenibilitat

De Ortueta Hilberath, E. 2006. Tarragona, el camí cap a la Modernitat. Urbanisme i arquitectura. Barcelona: Lunweg.

GEPEC, Lliga per a la Defensa del Patrimoni Natural, 1999. El Francolí, fins arran de mar en Monografies d'espais naturals, núm. 1. Barcelona: Depana.

Lahoz, R. 2014. La Riuada de 1994. Tarragona: Arola Editors

Ortiz, J. Meseburger, G. 2014. La vida al riu Francolí. Els humans i els sistemes aquàtics. Tarragona: Publicacions URV.

Solà-Morales i Rubió, Manuel. 2009. "Un camp de coses (els buits de la metròpolis)". Tarragona: Revista AT 19 (1): 3 p.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 10, 52, 53, 54, 55, 58, 59, 66, 67, 68, 235, 241

Área Metropolitana 10, 1, 2, 240, 251

Arquitetura 2, 9, 10, 1, 25, 26, 43, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 64, 68, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 107, 108, 110, 125, 126, 127, 133, 135, 136, 137, 144, 194, 202, 212, 213, 217, 225, 226, 250, 253, 255, 256, 257, 259, 265, 266, 267, 268

Arquitetura em Madeira 81, 91, 96

Arquitetura Escolar 52

Assentamentos Informais 11, 110, 112, 114, 126, 127, 129, 132, 133, 134, 135, 136

B

Belém 12, 229, 231, 233, 234, 235, 236, 237, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 253, 254

Brasília 12, 26, 109, 115, 124, 135, 136, 207, 210, 211, 212, 225, 227, 228, 229, 233, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 244, 247, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 268

C

Centralidade 11, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180

Centro 10, 11, 1, 4, 5, 9, 14, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 57, 89, 104, 110, 111, 112, 115, 120, 123, 126, 128, 135, 142, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 185, 186, 187, 207, 213, 216, 217, 218, 219, 226, 228, 232, 233, 236, 237, 238, 239, 241, 242, 243, 244, 246, 247, 248, 249, 250, 258, 260

Centro Cultural 10, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 51

Cidade 9, 10, 5, 7, 8, 20, 24, 25, 26, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 68, 85, 93, 100, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 164, 166, 167, 169, 170, 172, 173, 174, 179, 180, 183, 194, 200, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 231, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 259, 260, 262, 264, 265

Cidades Brasileiras 11, 126, 127, 128, 129, 131, 134, 243

D

Desenho Urbano 18, 20, 26

Desigualdade 11, 116, 126, 127, 130, 131, 136, 143, 233

E

Esgoto 11, 131, 133, 150, 151, 152, 154, 156, 157, 163, 235

Exclusão Territorial 11, 126, 127, 131, 134, 136

G

Gestão Urbana 143, 210, 213, 215, 217, 222, 225

H

História da cidade 174

J

Jane Jacobs 10, 69, 70

L

Legislação Urbanística 116, 136, 238

Lisboa 10, 1, 2, 25, 26, 85, 93, 97, 108

M

Madeira 10, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 200, 205

Morfologia Urbana 2, 3, 4, 8, 11, 15, 17, 19, 20, 21, 25, 179, 214, 215, 229, 236

Multidisciplinaridade 9

Museu 45, 94, 97, 99, 100, 101, 104, 105, 108, 109, 173, 199, 204, 208, 217

P

Paisagem 9, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 21, 23, 24, 25, 26, 50, 89, 90, 144, 164, 170, 179, 180, 210, 212, 213, 215, 216, 222, 224, 225, 257, 268

Parque Urbano 31

Patrimônio 12, 45, 90, 92, 93, 94, 97, 98, 101, 104, 105, 107, 195, 196, 197, 198, 199, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 239

Patrimônio Histórico 12, 45, 92, 93, 195, 196, 197, 198, 199, 203, 204, 207, 208, 209, 210, 211, 239

Planejamento Urbano e Regional 9, 12, 194, 255, 256, 257, 259, 266, 267

Planos Regionais 194

projeto urbano 25, 210, 214, 215, 218, 221, 222, 227

R

Rua 9, 4, 14, 15, 45, 48, 49, 50, 55, 56, 57, 166, 172

S

São Paulo 10, 11, 25, 26, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 68, 91, 92, 93, 95, 96, 108, 109, 115, 124, 125, 128, 129, 131, 133, 135, 136, 137, 147, 148, 149, 150, 152, 162, 163, 172, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 194, 195, 208, 231, 251, 252, 253, 254

SESC 24 de Maio 10, 43, 51

Sítio Arqueológico 12, 95, 195, 199, 202, 203, 205, 206, 207, 209

Sustentabilidade 11, 138, 140, 142, 143, 146, 147, 212, 215

T

Tecido Urbano 10, 1, 3, 4, 7, 9, 10, 15, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 164, 169, 171, 213, 216, 236, 243, 253

Técnicas Construtivas 10, 80, 81, 84, 89, 90, 91, 96

Território 9, 2, 3, 4, 21, 24, 26, 53, 84, 87, 89, 90, 103, 107, 112, 113, 114, 115, 116, 119, 120, 121, 123, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 138, 139, 140, 141, 144, 146, 147, 149, 164, 167, 168, 170, 179, 195, 198, 199, 200, 201, 204, 206, 213, 214, 215, 218, 220, 221, 222, 225, 226, 227, 230, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 241, 248, 250, 251, 252, 254, 264

Tombamento 12, 195, 197, 198, 199, 202, 203, 206, 207, 211, 239

U

Urbanismo 9, 11, 1, 25, 26, 43, 46, 52, 53, 68, 69, 79, 92, 96, 110, 125, 126, 135, 136, 137, 138, 148, 171, 181, 194, 250, 253, 255, 257, 259, 268


Urbanismo Contemporâneo 11, 138, 143, 146, 243




Arquitetura e urbanismo: Compromisso histórico com a multidisciplinariedade

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 


www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



Arquitetura e urbanismo: Compromisso histórico com a multidisciplinariedade

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 